

Num momento histórico em que se ouvem, com crescente frequência, vozes oriundas das mais diversas procedências anunciando que a psicanálise está em crise (o que já ocorreu em outros momentos históricos, em panoramas geográficos e culturais diferentes), o fato de que um psicanalista brasileiro escreva um livro de diálogos possíveis entre a psicanálise e outros saberes talvez revele um dos aspectos positivos e produtivos dessa crise: a indicação de que há um processo em curso, de desmanchamento e de criação de novos territórios para a investigação psicanalítica.

A marca importante de *Psicanálise, ciência e cultura* - terceiro volume de *Pensamento Freudiano* - é a da pesquisa interdisciplinar (ou transdisciplinar, como querem alguns autores). Através da construção de diferentes *problemáticas*, forjadas a partir de temas também trabalhados por outros campos do saber, Joel Birman vai constituindo canais de interlocução entre a psicanálise e outras disciplinas. Os temas, de reconhecida importância na atualidade, abordados ao longo dos onze ensaios que compõem o livro - como a questão do poder, da ética, da violência, do valor, da crença, da cientificidade - são trabalhados a partir de referenciais psicanalíticos, emergindo daí figurações inusitadas tanto para os problemas em foco como para a própria psicanálise.

Diálogo da psicanálise com outros saberes

Resenha de Joel Birman, Psicanálise, Ciência e Cultura. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994, 204 p.

Ao mesmo tempo que faz ampliar o campo da psicanálise, o que traz, evidentemente, modificações importantes para seus contornos, o autor marca, de maneira rigorosa, a "direção da pesquisa psicanalítica": a pesquisa psicanalítica só pode se orientar pela experiência psicanalítica, ou seja, pela experiência da transferência, ainda quando aparentemente distante da clínica, quando às voltas com a elaboração de conceitos. Neste sentido, não haveria uma disjunção tal como *psicanálise "pura" ou psicanálise "aplicada"*, já que "o campo teórico da psicanálise e da metapsicologia se funda na experiência analítica centrada na transferência" (p. 27). Apon-tada esta direção logo no primeiro ensaio, o autor toma a questão da transferência como "fio de Ariadne" que o conduz a outros territórios, ainda que este ora se mantenha invisível, ora apareça sob a forma de alguns desdobramentos fundamentais.

Assim é que, nos dois ensaios que se seguem, Joel Birman - leitor inventivo e rigoroso de Freud - mostra suas opções teóricas (e éticas) ao conduzir o leitor pelos "impasses da cientificidade" da psicanálise, tomando outros fios para tecer esse percurso a partir de suas leituras igualmente rigorosas de Foucault, de Lacan, e de outros pensadores da cultura ocidental. A trama que vai assim se tecendo aponta para um deslocamento do paradigma teórico de referência da psicanálise: de "eterna" aspirante a um reconhecimento pela Ciência, a psicanálise passa a se referenciar nos campos da ética e da política.

Mas o que isto quer dizer? Como entender a formulação de que a psicanálise passa a se orientar por novos paradigmas, paradigmas éticos e políticos?

Para esboçar uma resposta, nos limites de uma resenha, precisamos acompanhar o autor em algumas passagens. Nos ensaios em que discute a questão da cientificidade, Joel faz incursões na obra freudiana de modo a fazer delas emergir dois modelos opostos de cientificidade: o *modelo fiscalista* e o *modelo interpretativo*. Nessa análise, retoma o percurso feito pelo filósofo Jean Hyppolite em sua leitura de Freud. O modelo fiscalista - paradigma de cientificidade para as ciências da natureza à época da criação da psicanálise - representaria a tentativa de Freud de fazer da psicanálise um saber legitimado pelas ciências naturais. A dimensão econômica da metapsicologia freudiana, por exemplo, seria um desdobramento desta questão. Este modelo epistemológico, que pretendia a constituição de uma psicanálise de base empírica e verificacional nos moldes da ciência positivista, teria sido incorporado predominantemente, na perspectiva do autor, pela psicanálise de tradição anglo-americana.

Por outro lado, a tradição francesa teria tomado o *modelo interpretativo* como base de sua leitura da psicanálise, lançando-a nos domínios da hermenêutica

e das ciências da cultura. A tradição francesa, reconhecendo a oposição entre as duas ordens de enunciados presentes na teoria freudiana - *enunciados metapsicológicos e enunciados hermenêuticos* - teria estabelecido uma hierarquia teórica entre os escritos de Freud: "... a solução teórica do impasse seria a retirada de qualquer autonomia epistemológica da metapsicologia, através de sua inserção no quadro teórico de um saber da interpretação" (p. 60).

No entanto, para Joel Birman, retomando as considerações de Hyppolite, não se trataria de escolher um ou outro modelo igualmente presentes na psicanálise freudiana, mas de tomar essa oposição de modelos epistemológicos em sua positividade. Este aparente paradoxo apontaria para a existência de um problema teórico delineado pela psicanálise freudiana, inaugurando assim um campo inédito do saber: a tentativa de articular o registro da natureza e o registro da cultura. "Dito de outra maneira, o discurso freudiano pretendeu se constituir como uma problemática que articulasse a filosofia da natureza e a filosofia do espírito, onde a metapsicologia se inscreveria na primeira vertente teórica e a hermenêutica na segunda. Se o discurso freudiano solucionou essa articulação é outra questão, mas seria essa a problemática teórica constituída pela psicanálise" (p. 62). Para Joel, fica evidente que Freud não "solucionou essa articulação", partindo daqui sua proposta de pesquisa psicanalítica

na atualidade. No ensaio dedicado a Hyppolite e à filosofia, Birman retoma esta problemática, puxando outros fios desde a filosofia, entrecruzando-os com formulações de Lacan, para ressaltar o que se constituiria como questão central da teorização freudiana, como conceito articulador fundamental da problemática específica delineada pela psicanálise: "o conceito de pulsão (*Trieb*) - onde se perfila a oposição entre força e representação" (p. 75). Entenda-se por pulsão, aqui, o que teria sido formulado por Freud em relação à pulsão de morte: movimento eminentemente voltado para a descarga, sem representação, que requer a incidência das pulsões sexuais de um Outro para que possa se transformar em outra coisa.

É nessa perspectiva que entendo a opção teórica do autor, que situa a psicanálise nos campos da ética e da política: a função analítica operaria exatamente no hiato formado entre a pulsão e a representação, hiato constituinte do campo transferencial. Cabe a ela o trabalho de fazer com que se produzam ligações pulsionais, de possibilitar a criação de novas inscrições e representações, ou ainda, de produzir novos objetos de investimento, de forma a romper com o silencioso "buraco negro" formado pela pulsão de morte e a colocar em circulação a pulsionalidade própria da vida.

É ainda esta opção teórico-ético-política que faz emergir do confronto entre a psicanálise e a religião, ou entre a psicanálise e a medicina - tema de um dos ensaios do livro - uma problemática fundamental para a subjetividade contemporânea. Os discursos médico e religioso veiculam promessas de cura e salvação, promessas que se sustentam por um imaginário social que tem, entre seus mais caros projetos, a imortalidade do indivíduo e o domínio sobre a morte. Poderíamos dizer ainda mais: um imaginário social marcado pela idéia de *Um Absoluto*, gestado na vã esperança de alcançar estados tão ansiados como a *segurança*, a *estabilidade*, a *harmonia*. No entanto, para a psicanálise que toma forma a partir destes confrontos, e que se insere na tradição das concepções trágicas sobre a condição humana, não há cura nem salvação para o interminável trabalho de produção e de desmanchamento de sentido a que somos impedidos, incessantemente, pela força anárquica da pulsão em nós. Pulsares ininterruptos de luz e sombras, de clarões e cegueiras, os efeitos da pulsão em nós são múltiplos, intermináveis e imprevisíveis. Desta perspectiva, não pode haver a homogeneidade ansiolítica proposta pela religião, nem cura salvadora para a "doença" de se estar vivo. O saber psicanalítico que vai se configurando ao longo dos ensaios aponta, portanto, para uma inclusão da psicanálise nos dispositivos de produção de subjetividade da modernidade, dispositivos necessariamente referenciados pelo paradigma político. Nisto, Joel Birman acompanha Foucault em sua genealogia do poder no Ocidente (p. 64-65), ressaltando porém o caráter eminentemente singularizador que o dispositivo psicanalítico pode ter.

Ao mesmo tempo que o conceito de pulsão cumpre uma função fundamental na leitura que Joel faz de Freud, insistindo repetidas vezes, de diferentes formas, que seria através dela que existiria a possibilidade de produção da diferença, a pulsão também seria a "fonte permanente de confronto mortal entre

os sujeitos e os corpos" (p. 144). Com estas coordenadas conceituais, o autor incursiona ainda no campo da política e no tema do poder, fazendo ressaltar, entre outras, a dimensão impossível da arte de governar (parafra-seando Freud em sua famosa afirmação em "Análise Terminável e Interminável" sobre a dimensão impossível do analisar, educar e governar): "Para o discurso freudiano, o que torna impossível as práticas da educação e do governo é o reconhecimento de que existe no psiquismo algo que se opõe radicalmente à completa absorção do sujeito pelo Outro, pelas regras e pela linguagem, mantendo-se esse algo como extrínseco ao diálogo e à ordem simbólica. Esse algo a mais existente no psiquismo foi enunciado no discurso freudiano de diferentes maneiras, na dependência do momento do percurso teórico: o inconsciente, o sexual, o id, a pulsão e a pulsão de morte" (p. 123). Seria este o sentido da reafirmação que o autor faz da formulação foucaultiana de que a política seria a tentativa de administrar a guerra permanente que permeia a relação entre os homens. Esta formulação constitui outro fio a ser entrelaçado por Joel Birman na tessitura dos ensaios que se dedicam à questão da política.

Com este fio - a política pensada como a permanente tentativa de administrar a guerra entre os homens - também poderíamos entender a análise histórica e crítica que o autor empreende da *Instituição Psicanálise*. A transformação histórica da psicanálise - o que fôra um movimento passa a ser uma instituição - implicou em uma mudança significativa de seu lugar social, e na criação de funções a serem desempenhadas pelas instituições analíticas: "regular o ensino, a transmissão e os critérios para a seleção de candidatos ao ofício de psicanalisar" (p. 119). Assim é que uma das afirmações do autor sobre os efeitos da institucionalização da psica-

nálise aponta para um modo de produção de subjetividade exatamente oposto ao modo singularizante - disruptivo em relação à subjetividade dominante: "Neste contexto, a psicanálise se instituiu como uma moral de regulação das individualidades numa ordem social altamente competitiva, em que se prometia a felicidade pela aquisição de seus modelos de subjetividade, para a ascensão do indivíduo num espaço marcado pela grande mobilidade social. Para isso, transformou-se o perfil do movimento psicanalítico, que passou a empreender uma estratégia de normalização das relações humanas e que teve como condição de possibilidade a normalização dos analistas pela instituição psicanalítica" (p. 119).

Para os analistas em constante tensão com a questão da formação e das instituições psicanalíticas, podemos encontrar nestas análises de Joel indicações preciosas para trabalhar estas questões, podendo incluir neste trabalho as consequências teóricas que possamos extrair das próprias formulações freudianas. Assim, no ensaio dedicado às problemáticas da ética e da moral nas instituições psicanalíticas, entendo que o autor segue os rastros desta análise histórica, mantendo simultaneamente a obra freudiana como interlocutora privilegiada para tratar destas espinhosas questões.

Nos ensaios em que se ocupa com a problemática do valor e com a problemática da violência, para além da rica e complexa análise empreendida por Joel Birman através destes temas, encontramos-nos também diante de um psicanalista empenhado em colocar em análise modos de subjetivação hegemônicos na sociedade brasileira: um dispositivo - entre outros - necessário para fazer funcionar outros modos mais heterogêneos de constituição de subjetividade.

Maria Angela Santa Cruz é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.